

ÍNDICE

Câmara de Reflexão (<i>Prefácio</i>)	13
--	----

I – RECORDAÇÕES

Os Sons, as Potências, as Essências, segundo António Telmo	31
António Telmo e a Arte Real. Da Arte pela Arte à Arte ao Serviço de uma Causa. Que caminho?	34
O Sol Sensível <i>de António Telmo</i>	36
Penso, Logo <i>Poesisto</i>	38
Telmo e <i>Temúria</i> . Memórias de um laboratório de <i>ternúria</i>	41
Câmara de Reflexão (<i>Prefácio</i>)	13
O Voo de Lúcio.....	45

II – DIÁLOGOS

Maio, Flor e Fogo.	
O Mês de António Telmo e de Jaime Salazar Sampaio	49
<i>Misteriosofia</i> . Sobre <i>Um António Telmo, Marranismo,</i> <i>Kabbalah e Maçonaria</i> de Pedro Martins.....	51

Raquel, Rafael, a <i>Escola</i> e as Escolas. <i>Resumo de uma Viagem a Atenas com Regresso a Portugal, Sem de Cá ou de Lá Sairmos, Seguido de um Diálogo com António Telmo</i>	61
Da <i>Gramática Secreta</i> ao Três.....	70
<i>O Lugar Onde Partimos. Portugal, a Europa, Telmo, Agostinho, e Outros Modernos Erasmus</i>	74

III – CONFERÊNCIAS

Telmo, Huxley e a Arte de Olhar.....	103
Morte, Transição Iniciação, Arrependimento, Desolação e Grandeza. <i>António Telmo e Manuel Maria Barbosa du Bocage: A Coragem de Morrer Vivo ou a Ressurreição Antes da Morte</i>	114
Cada Filósofo tem o seu Poeta. <i>Pascoaes por António Telmo</i>	127
A Escrita como Labirinto... Na «Mesa das Pedras Preciosas».	
A Propósito de <i>Contos Secretos</i> , de António Telmo	138
O Galo e a Rosa. Sobre <i>Páginas Autobiográficas</i> de António Telmo	179
Oculto, Ética e Estilo. Sobre <i>Autobiografia e Sobrenatural</i>	195
Poesia, Nação e Iniciação. <i>Da Sombra à Luz</i>	210
Natureza e Iniciação... <i>na Obra de António Telmo. A Natureza Vista por um Menino Poeta, Caçador e Filósofo</i>	221
Metamorfose e Transformação do Quadrado <i>em António Telmo</i>	238

IV – INÉDITOS

O <i>Desacordo</i> Ortográfico: <i>Independência, Nacionalidade e Sobrevivência</i>	249
As Entrevistas	256
As Entrevistas Que Não Houve	277

*O meu enternecido agradecimento às pessoas e entidades
sem as quais este livro não existiria:*

*A António Telmo;
À amável criança que sempre o conheceu
e precisou de crescer para saber que o conhecia;*

A Agostinho da Silva, preciosa, deliciosa ponte;

A António Cândido, que me ofereceu a Arte Poética;¹

*Ao Frederico, ao Rui e ao Américo,
que me ofereceram os Contos;*

À Bibi, que me ofereceu A Verdade do Amor;

*Ao PAT.VO (Projecto António Telmo. Vida e Obra),
que me ofereceu o renascer do encontro com António Telmo;*

*A todos os que deste projecto fazem parte;
com especial realce para:
Maria Antónia Vitorino, Pedro Martins e Alexandre Gabriel.*

¹ Para além de inúmeros artigos e participações em revistas e outros periódicos, e os (hoje) já não inéditos escritos de juventude, publicou entre 1963 e 2008: *Arte Poética; História Secreta de Portugal; Gramática Secreta da Língua Portuguesa; Desembarque dos Maniqueus na Ilha de Camões; Filosofia e Kabbalah; O Bateleur; O Horóscopo de Portugal; Contos; O Mistério de Portugal na História e n'Os Lusíadas; Viagem a Granada; Congeminações de um Neopitagórico; A Hora de Anjos Haver; Contos Secretos; A Verdade do Amor seguido de Adoração: Cânticos de Amor de Leonardo Coimbra. Postumamente: O Portugal de António Telmo; A Aventura Maçónica – Viagens à Volta de um Tapete; Sesimbra, o Lugar Onde Se Não Morre; António Quadros e António Telmo – Epistolário e Estudos Complementares. Ainda dois volumes de Obras Completas em 2010 e 2011 pela editora Al-Barzakh. Recentemente, todos os textos (a maior parte esgotados) e inéditos estão a ser reunidos nas Obras Completas editadas pela Zéfiro, um trabalho no âmbito do PAT.VO (Projecto António Telmo. Vida e Obra), coordenado por Pedro Martins, entre o Volume I em 2014 (*A Terra Prometida: Maçonaria, Kabbalah, Martinismo e Quinto Império*) e o Volume VII (*O Horóscopo de Portugal e escritos afins*) em 2017, estando em preparação para breve o VIII (mas não o último) volume. Para além da coordenação, organização, textos e notas de Pedro Martins, estes volumes contam ainda com escritos de: António Carlos Carvalho, Eduardo Aroso, António Cândido Franco, João Ferreira, Miguel Real, Ruy Ventura, Afonso Botelho, Ângelo Monteiro, Rui Arimateia, Pedro Sinde, Avelino de Sousa e Risoleta C. Pinto Pedro. Toda a informação sobre as publicações, prefácios, posfácios, dispersos, literatura passiva, edições, textos, fotografias, notícias e não só, pode ser encontrada na página do PAT.VO (www.antonio-telmo-vida-e-obra.pt), coordenada por Pedro Martins.*

OS SONS, AS POTÊNCIAS, AS ESSÊNCIAS

SEGUNDO ANTÓNIO TELMO⁹

Não me será fácil falar de António Telmo sem me estender excessivamente, porque, tal como Agostinho da Silva, é um autor que parece escutar a voz que sussurra na minha alma. A acrescentar a isto, a força da erudição, a divina sabedoria, a misteriosa beleza.

Por isso centrar-me-ei, neste texto, num único aspecto. Ou melhor, apenas na apresentação dele.

António Telmo chegou-me através da escrita e personalidade de Agostinho da Silva.

Dele, li alguns dos clássicos, ainda antes de o conhecer. Penso que os primeiros foram a *Arte Poética* e a *História Secreta de Portugal*. Entretanto, muitos amigos meus, seus amigos, começaram a falar-me dele. Curiosidades, episódios de vida, acabámos por nos conhecer na estreia de um espectáculo da Companhia de Dança Amalgama e lançamento de um livro meu que, para meu imenso privilégio, ele apresentou no Convento de S. Paulo, Serra d'Ossa. Maravilhosamente. Fluientemente. Sem papel.

Outros livros vieram entretanto ao meu encontro: *Filosofia e Kabbalah*, *O Bateleur*, *Contos Secretos*, *A Verdade do Amor*, mas o último endereçado e dedicado por seu punho, chegou via correio, não muito antes de partir: *Viagem a Granada*.

⁹ O primeiro texto da autora sobre António Telmo publicado no PAT.VO, aquando do convite para integrar o projecto.



Aquele que me tem acompanhado persistentemente é um livro esgotadíssimo¹⁰, *Gramática Secreta da Língua Portuguesa*, que considero uma pérola sobre a nossa língua, um estudo lúcido e profundo sobre as origens, a alma, o mistério do nascimento e da essência da língua. Muitas vezes o citei nas minhas aulas. Muitas vezes continuo a fazê-lo em situações menos institucionais que uma escola oficial, mas igualmente propiciadoras de conhecimento, informação e comunicação. De reflexão.

Com este livro, as minhas intuições de menina, intuições de quase antes das palavras, as imagens que me nasciam no coração e que continuaram a crescer ao longo dos anos, apesar de todas as teorias positivistas acerca da língua e da gramática que tive de estudar, essas intuições, dizia, foram totalmente validadas e eu fiquei a saber o que já sabia. Desde sempre. Que a língua, e particularmente a fonética, é um sistema inteligente, simbólico, coerente, e em total sintonia com o universo e a realidade. Que não há aleatoriedade na língua e que cada som que produzimos tem uma energia própria e uma essência. É um poder. Que é um sistema ligado a todos os outros sistemas cósmicos. Que pode ser uma fonte de conhecimento e, sem dúvida, de criação. Não apenas literária, mas de realidades.

E concluo: somos como magos ignorantes, magos negros usando indiscriminadamente um poder quase atómico que não dominamos, que não controlamos, porque não conhecemos.

A propósito dos sons, António Telmo fala de potências. Porque o são. Que distingue do conceito de fonema.

No princípio era o verbo. Como agora. Quando o criador disse *Fiat* pronunciou uma realidade totalmente diferente daquela que seria criada com outras potências. O “F” faz parte das potências sopradas. Sons que expiram. E é labial. Corresponde, na árvore da Kabbalah, à coluna da misericórdia, que Telmo designa como «da clemência». Aqui, começo eu a delirar, ou talvez não, e a ver neste acto de criação, a expressão daquilo que ele denomina a «estrutura sagrada».

¹⁰ À data da redacção deste texto estava esgotada e ainda não tinha sido reeditada (ou, no máximo, teria acabado de o ser) a *Gramática Secreta da Língua Portuguesa precedida de Arte Poética*, António TELMO, vol. II das Obras Completas, Ed. Zéfiro, Sintra, 2014.



Afirma Telmo: «O “V”, como o “F” seu correlativo, é um sopro, uma voz. Estas letras marcam a emissão da voz sem resistência violenta». Acrescento eu: como poderia haver resistência à ordem da criação?

E continuo: acredito que será também por isso que na respiração circular ou conectada, como se designa um certo tipo de respiração no *Renascimento*, uma terapia respiratória, a expiração deve ser uma pausa ou repouso, não empurrada, pois o ar deve sair naturalmente, «sem resistência violenta».

António Telmo fala também deste sopro do “F” como a transformação contínua. E assim é. A respiração assim feita é das mais transformadoras tarefas do corpo.

Lamento não ter tido oportunidade (ou não a ter criado) para conversar com António Telmo sobre este específico e apaixonante tema. Mas ele está vivo. Em nós. Convosco partilho, então, o que dele recebo, reconheço e integro. E celebro.

